



■ O TERRITÓRIA IMAGINÁRIO

Maria Ângela Faggin Pereira Leite

FUNDAMENTOS

**MARIA
ÂNGELA
FAGGIN
PEREIRA
LEITE**

Maria Ângela Faggin Pereira Leite – Bióloga da USP, mestre da FFLCHUSP, doutora FAUUSP, professora de paisagismo da FAUUSP.

RESUMO

O texto aborda questões relativas ao processo de globalização e à necessidade de qualificar os lugares por meio de intervenções que, desenhando uma nova realidade, permitam descrever e compreender o significado e o processo cultural de construção da paisagem.

ABSTRACT

This article deals with problems concerning the globalization process and the need to qualify places by interventions that, representing a new reality, allow to describe and understand the meaning and the cultural process of construction of the landscape.

O TERRITÓRIO IMAGINÁRIO

Neste fim de século, qualquer discussão envolvendo tempo e espaço passa, necessariamente, pela compreensão do lugar, forma de organização social altamente sensível às rápidas transformações estruturais de um período histórico fortemente submetido ao processo de globalização.

Todo movimento dotado de significação histórica – o humanismo, o iluminismo, o romantismo, o liberalismo, o socialismo – é uma construção complexa que engloba vários elementos não homogêneos do ponto de vista do período anterior, isto é, que evoluem separadamente num determinado contexto cultural e que, a partir da descoberta de uma inesperada ligação entre eles criam uma nova homogeneidade, uma mudança decisiva capaz de desbloquear certas dificuldades.¹

Vivemos um período em que se busca reunir sob uma nova lógica razões parciais que, tendo sobrevivido à fragmentação e à descontinuidade dos anos 80, procuram reorganizar-se para criar novas homogeneidades, moldando lugares que contribuem para a compreensão da estrutura espacial deste período.

É, porém, devido à impossibilidade de controle absoluto das variáveis que incidem sobre a estruturação e a percepção do espaço como coisa una, que o lugar passa a exhibir todas as desigualdades, antagonismos e contradições resultantes da falta da sincronia entre sua produção social e seu tempo histórico, já que suas formas arquitetônicas não têm a capacidade de reciclar-se com a mesma velocidade da sua produção cultural, confundindo tempo e espaço.

Segundo Milton Santos², podemos entender por tempo o transcurso, a sucessão dos eventos e sua trama; por espaço

¹ BENEVOLO, L., 1995, p. 222/223.

² SANTOS, M., 1994, p. 41.

o meio, o lugar material da possibilidade dos eventos; e por mundo a síntese dos eventos e lugares. A cada momento mudam juntos, portanto, o tempo, o espaço e o mundo. E uma vez que as formas de percepção desse conjunto de realidades históricas pelos indivíduos e pela sociedade resultam principalmente dos progressos e das mudanças nos meios de transporte e comunicações, formas de vencer a distância entre os objetos e as idéias³, espaço e tempo estão sempre sujeitos a novas e inesperadas formas de percepção, entrelaçados em novas configurações.

3 ORTIZ, R. 1991.

O espaço distendido que caracteriza este momento histórico abriga um emaranhado de redes e sistemas de comunicação e transportes que tendo sido construídos em diversos períodos são também usados segundo tempos diversos. A explosão da multiplicidade de interesses e necessidades sociais faz, ainda, com que essas estruturas não sejam percorridas igualmente por todos e nem de acordo com o mesmo ritmo.⁴

4 SANTOS, M. 1994, p. 45/46.

O tempo dessincronizado da atualidade registra a superposição de vários universos culturais simultâneos, mas não necessariamente contemporâneos, característica do processo de globalização, aprofundando e generalizando a dissociação entre os eventos e sua materialização.

Cria-se, assim, uma relação peculiar entre espaço e tempo, síntese da diversidade e da dessincronia, que leva à perda de referenciais essenciais. São a ciência, a tecnologia e a informação que nos permitem recriar esses referenciais, por meio de um processo que reúne, no lugar, os fragmentos dessa dimensão globalizada do espaço e do tempo, moldando uma paisagem analógica, categoria privilegiada de leitura do mundo.

DESTERRITORIALIZAÇÃO, A SUBVERSÃO DA UNIDADE

Lugares são dimensões fragmentadas do espaço e do tempo. Sua paisagem é o resultado da integração de caráter único, entre todos os eventos e possibilidades que historicamente ali se entrecruzam. Sua unicidade, conferida por uma combinação exclusiva de frações do tempo e dos espaços mundiais, torna visível o fenômeno invisível e abstrato da globalização que, simultaneamente, qualifica e confere aos lugares um caráter de complementariedade, não mais permitindo que se expliquem em si mesmos. Isto é, embora únicos, os lugares são também essencialmente mundiais porque se apresentam como oportunidades de concretização das inúmeras possibilidades e perspectivas sugeridas pelo tempo e pelo espaço globais. Sua paisagem é, portanto, um índice do entrelaçamento de eventos mundiais, que nos permite ler o processo de globalização complexo, desigual e contraditório que, embora contínuo, se exerce de forma diferenciada, criando, no cotidiano, inúmeras possibilidades de resposta, dissolvendo antigos referenciais, abrindo novas perspectivas de contextualização.

Os modos de vida cotidianos são, assim, criações culturais, manifestações da percepção e da capacidade de interpretação da sociedade, materializações locais das várias reações ao processo de globalização que tem por característica principal a reformulação das relações espaço-tempo.

Nas palavras de Ianni, a globalização tende a “desenraizar as coisas, as gentes, as idéias, tudo, ... desenvolvendo o novo e surpreendente processo de desterritorialização, característica essencial da sociedade global *em formação*. Formam-se estruturas de poder econômico, político, *social e cultural* internacionais, mundiais, globais, descentradas, sem qualquer

localização nítida em um lugar, região ou nação”⁵ A globalização faz, assim, com que se perca a relação de unidade entre as ações sociais e os objetos que as representam, isto é, a manifestação do tempo passa a transcender os limites do lugar: é com frequência cada vez maior que podemos entender e explicar o espaço de um lugar através do tempo de outro lugar.

A globalização produz a desterritorialização, porque ao desvincular no lugar, o tempo e o espaço, dissolve o real, criando um cotidiano cuja essência transitória e fugaz desfocaliza imagens que nos são familiares, para focalizar outras imagens desconhecidas, enfraquecidas, incapazes de informar. A globalização, em suma, dissolve o existente e torna o lugar invisível, porque destrói relações atávicas, com a promessa de substituí-las por relações abstratas, ideais. Essa substituição em nada contribui para a caracterização cultural do lugar, pois se faz por meio de mecanismos de organização inflexíveis, auto-suficientes, que ameaçam com a negação do concreto, em benefício de um mundo de aparências, onde tudo é possível e, ao mesmo tempo, impossível, porque tudo é símbolo, signo, tudo representa alguma coisa.

“Não se trata mais de imitação, nem de reiteração, nem de paródia, mas de um suplantar do real pelos signos do real, isto é, de uma operação de dissuasão de todo o processo real pelo seu simulacro operacional, máquina de índole reprodutiva, pragmática, impecável, que oferece todos os signos do real e todas as suas peripécias.”⁶

RETERRITORIALIZAÇÃO, A POÉTICA DO IMAGINÁRIO

A grande contradição está em que a produção desse espaço desterritorializado, global, atemporal, mundial, exige que se

5 IANNI, O., 1992, p. 92/93, grifos meus.

6 BAUDRILLARD, J. 1987, p.11.

recrie e se mantenha, sob novas condições, o lugar, território do único, do individual, do particular. Porque são exatamente as particularidades que constituem um extraordinário instrumento de informação sobre o espaço e o tempo. São as particularidades que materializadas, selecionadas e articuladas no lugar, contribuem para desenhar uma nova realidade através da qual é possível descrever e compreender o mundo.

Compreender o mundo significa unir os fragmentos do tempo-espaço global por intermédio de pontes que possibilitem representar toda a sua pluralidade de significados. Significa construir lugares por meio de analogias que revelem espaços e tempos não familiares, potencialmente capazes de subverter e transgredir o existente para abrigar o imaginário. Subverter e transgredir o contexto, o existente, exige, porém, que o processo de renovação das relações do cotidiano procure suas origens no imaginário social. Torna-se decisivo, então, contemplar, compreender, interpretar, projetar, construir um real sólido, a partir do imaginário abstrato, reterritorializar o lugar, torná-lo visível por meio de uma paisagem de analogias e simultaneidades.

7 MARINETTI, F. 1912.

A analogia é uma forma de visibilidade que conecta fatos pertencentes a diferentes planos perceptivos para construir uma representação, uma metáfora. “A analogia não é senão o profundo amor que liga as coisas distantes, aparentemente diferentes e hostis. Para conhecer os movimentos sucessivos de um objeto é preciso conhecer a cadeia de analogias que ele evoca... formando densas redes de imagens que conseguem capturar seu sentido mais profundo.”⁷

A simultaneidade é uma analogia que, num determinado momento, exatamente como se constituísse uma rede, captura fragmentos de realidades pertencentes a contextos diferentes para condensá-los numa imagem atemporal, de apelo universal.

Combinar, no lugar, analogias e simultaneidades é fazer uma espécie de montagem, criar uma paisagem narrativa, com um significado subjacente, um significado cultural. O sentido do narrativo aqui, portanto, não é abstrato, mas profundamente sensível, cultural.

Essa paisagem narrativa trabalha com o conflito, com a contradição, com a diferença. As interpretações possíveis que ela sugere decorrem de uma relação estratégica entre o real e o imaginário, que permite revelar, no lugar, valores culturais ocultos pelo processo de globalização. Para essa paisagem narrativa é essencial o estranhamento, o não familiar, o desterritorializado.

Estruturas desterritorializadas são, portanto, sementes da renovação das relações do cotidiano, que podem e devem ser objeto de especial atenção, por seu poder de estabelecer laços entre o passado, parte final de uma narrativa cujo desenvolvimento acompanhamos, e o presente, início de uma narrativa sobre a qual nada sabemos.

Para Argan, "o que define, conserva e transmite o caráter de um lugar é o impulso, a pressão ou apenas a resistência que cada um, em sua esfera particular, opõe à destruição de certos fatos que têm, para ele, valor simbólico ou mítico, e todos, de comum acordo, à destruição de certos fatos sobre cujo valor simbólico há consenso geral"⁸.

8 ARGAN, G. 1992, p. 235.

Assim, certos movimentos de pressão ou resistência, aparentemente destinados apenas a reter o antigo, o familiar, revelam, na verdade, uma forte consciência social da impossibilidade de impedir a destruição completa do que na prática, já está desterritorializado por efeito do processo de globalização.

As recentes discussões sobre a reurbanização do largo da Batata e da vila Olímpia, em São Paulo, revelam um conflito

cujo centro reside na impossibilidade de criar, com a intervenção proposta, uma paisagem culturalmente enraizada, um espaço que, mesmo submetido a um tempo mundial, seja capaz de produzir uma paisagem narrativa.

A intervenção em questão demoliu áreas habitacionais tradicionais dos bairros de Pinheiros e vila Olímpia, para interligar as avenidas Pedroso de Moraes e Juscelino Kubitschek, com o propósito declarado de escoar o intenso fluxo de veículos dessa região da cidade.

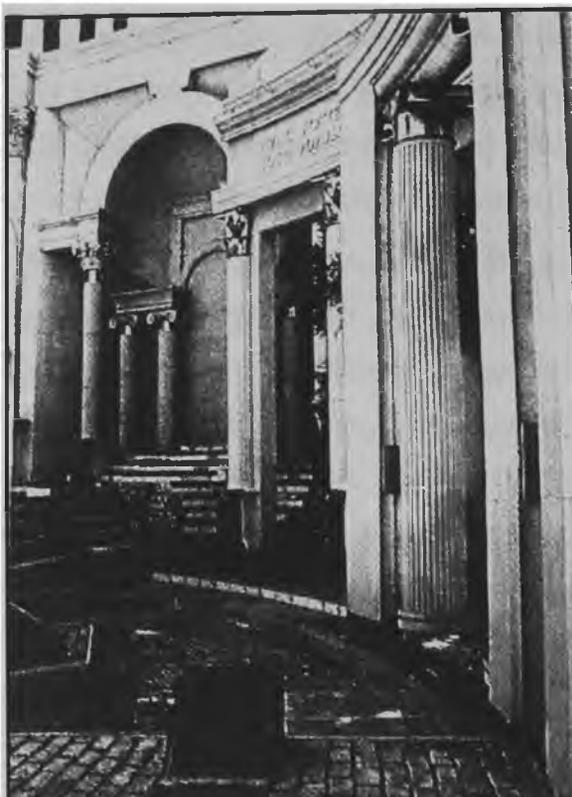
Em nome do atendimento à função urbana da circulação, o que de fato se promoveu foi não apenas a destruição do edificado, mas, principalmente a destruição do cotidiano, a destruição de um modo de vida consolidado, inviabilizando qualquer possibilidade de reconstrução das antigas relações sociais de vizinhança ali existentes.

Entre todas as possibilidades de interligação das avenidas citadas, a alternativa selecionada, com um forte sentido de simultaneidade, pois tem por base a concepção de um fragmento urbano atemporal – representação de uma imagem de metrópole de apelo universal – apresenta um igualmente forte vácuo analógico, porque não se liga ao precedente, mas apenas a ele se sobrepõe, comportando-se como uma estrutura auto-suficiente que nega o sentido cultural da produção da cidade.

Em outro extremo, algumas intervenções urbanas podem ser mencionadas como exemplos da busca de construir – com ou sem sucesso – uma paisagem potencialmente capaz de lembrar os ritmos naturais e culturais de um lugar.

A Piazza d'Italia, de Charles Moore, em Nova Orleans; a Bunker Hill Steps, de Lawrence Halprin, em Los Angeles; a Praça da Estação Sants, de Piñon; Vilaplana e Miralles, em Barcelona, a Praça de National Geography Association, de Eiy

Fotos da Autora



Fotos 1 e 2
Piazza D'Italia
Fonte: Water as Environmental Art.
Ed. Schoichiro Higuchi



Foto 3
Bunher Hill Steps

Foto 4
Bunher Hill Steps



Foto da Autora



Fotos 5 e 6
Praça da Stación Sants
Fotos: Vladimir Bartalini



Fotos da Autora



Foto 7
Praça da National
Geography Association
Fonte: Water as
Environmental Art.
Ed. Schoichiro Higuchi



Foto 8
Williams Square
Fonte: Water as
Environmental Art.
Ed. Schoichiro Higuchi

Zimmerman, em Washington; e a Williams Square, de Robert Glen & The SWA Group, em Las Colinas, são representantes de um processo de projetar que, partindo do fragmento, da sobra, do desterritorializado, criam territórios imaginários, analógicos e simultâneos que, sem negar o processo de globalização em curso, permitem múltiplos enquadramentos espaciais e múltiplas interpretações culturais.

Construir territórios imaginários é uma forma de tornar contemporâneos eventos temporal e espacialmente diversos, conferindo-lhes um significado icônico que, pela sua própria natureza simbólica, tem a capacidade de reterritorializar o lugar criando paisagens cuja simultaneidade e analogia conferem um novo sentido ao tempo, ao espaço ao mundo.

BIBLIOGRAFIA

- ARGAN, G. C. *A história da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAUDRILLARD, J. *Cultura y simulacro*. Barcelona: Ed. Kirós, 1987.
- BENEVOLO, L. *O último capítulo da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- CANEVACCI, M. *A cidade polifônica*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- IANNI, O. *A sociedade global*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1992.
- MARINETTI, F. Manifesto técnico della letteratura futurista, 1912. *Il Futurismo*, n. 11, 1921.
- ORTIZ, R. *Cultura e modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.